

Processos de retoma discursiva

*M. Emília P. Lopes Pereira**

*Maria Aldina de Bessa Marques***

Instituto de Letras e Ciências Humanas
Universidade do Minho

Resumo:

O percurso da nossa comunicação é o de articular noções teóricas (designadamente *tópico* – frásico – ; estrutura *tópico/comentário* ou *foco* e estrutura *tema/rema*; concepções do discurso que o caracterizam como *dialógico* – Bakhtine –, que o articulam à *polifonia* – Ducrot – e *diafonia* – Roulet -) à relativa aplicabilidade na análise efectiva de discursos.

Na sequência de trabalhos anteriores de aplicação da nomenclatura funcional de Halliday (Morais, 1997), tomamos a designação *tema/rema*, abstraindo das disparidades na terminologia importada e vincando que o trabalho concerne a dimensão significativa no *texto/discurso*.

Na conceptualização do *texto/discurso* é actualmente incontornável a noção de que a imagem do interlocutor integra uma dada construção discursiva. Perspectiva-se, assim, como campo de análise a identificação do *assunto* que um dado locutor (re)toma de uma enunciação prévia.

Noções teóricas e metodologias próprias são avançadas para um tal trabalho.

0. Escopo da discussão

O percurso da nossa comunicação é o de articular concepções do discurso à sua relativa aplicabilidade na análise. Com efeito, o instrumentário disponível à análise de discursos¹, quer provenha da Linguística de Texto, da Linguística Enunciativa, do modelo Funcional hallidayniano (e, na sua génese, dos trabalhos da escola de Praga) ou de descrição generativa, vê-se refundido em novas concepções teórico-metodológicas próprias a esta disciplina.

* Redacção dos pontos 0 a 4. Veementes agradecimentos à Professora Aldina Marques pela cuidada leitura crítica do meu trabalho. Os erros que persistem são exclusivamente meus.

** Redacção do ponto 5.

¹ A disciplina Análise de Discurso não se deve tomar pela sua definição referencial mais propriamente servida pelas expressões análise de discursos ou dos discursos.

O termo *discurso* integrado no nome da disciplina reivindica visivelmente uma opção metodológica – a do estudo de manifestações linguísticas reais e actualizadas em contexto social específico.

Para além da referida opção, o termo pode ser usado por diferentes autores e escolas com sentidos matizados. Na definição de Garrido Medina (2001: 297), que a seguir se reproduz, própria a este linguista e distinta de outros autores – por ex., Ducrot (1984:369) –, torna-se claro que o discurso é estruturado em unidades menores: as *orações*, termo que para Garrido Medina se prende à modalidade e é distinto de *cláusula*.

«En lugar de una explicación pragmática, como la de la relevancia, es más útil proponer una explicación basada en el principio de conexión: toda unidad se conecta con las otras mediante información adicional. Para aplicar el principio de conexión, es necesario contar con unidades superiores a la oración y, además, modificar el concepto mismo de oración. La oración se caracteriza por la modalidad, y tiene una estructura diferente de la de la cláusula. Las unidades superiores a la oración son el discurso y el texto. El discurso es una secuencia estructurada de oraciones, y, análogamente, el texto es una secuencia estructurada de discursos. De este modo se supera la clásica dicotomía entre la lengua y su uso, y entre sus respectivas teorías, la gramática y la pragmática. Al mismo tiempo, se integran en el análisis el estudio del estilo (tipo de discurso) y del género (tipo de texto).»

Já para o referido linguista francês, *texto* é uma entidade configuracional e *discurso* uma sua realização. Correlatos são, pela ordem respectiva, *frase* e *enunciado*.

«Chamaremos 'frase' ao material linguístico de que o locutor se serviu, isto é, à entidade abstracta Vou-me embora.. Será cómodo, além disso, poder designar uma sequência de frases (por exemplo: Vou-me embora. Despacha-te). Utilizaremos, para isso, a palavra 'texto' (precisando que esta noção continua a pertencer ao domínio das entidades abstractas). Para falar daquilo que foi efectivamente pronunciado ou escrito, isto é, da «realização» (...), utilizaremos o termo 'enunciado'. Poderá então dizer-se que a mesma frase deu lugar a diversos enunciados, mas nunca poderemos afirmar que alguém repetiu várias vezes o mesmo enunciado. Quanto à palavra 'discurso', ela designará uma sequência de enunciados ligados entre si: um discurso será, portanto, uma realização (...) de um texto. Passemos à segunda acepção da palavra «realização». Para referir o acontecimento histórico, isto é, o facto de uma frase ter sido objecto de um enunciado (ou de um discurso), empregaremos a palavra 'enunciação'.»

Como a discussão em curso não vem aqui cotejada com exemplos concretos, o que se diz aplica-se ao *texto* e *discurso*, na acepção de Ducrot, i.e., é princípio constitutivo do uso linguístico e passível de verificação pontual numa dada realização.

Importante para a seguinte exposição é que se assuma a reificação da entidade de análise que a seguir se expõe. Os discursos são materializações linguísticas cuja sequencialização importa apreender. Adicionalmente estamos a considerar a *retoma discursiva*, i.e., estamos a considerar que um dado texto ou discurso deixa visíveis marcas de interacção e dinamismo (plenamente presentes no diálogo mas, de facto, privativas a todo o uso linguístico, o qual é pautado pela função comunicativa), Fonseca (1992).

Trazendo as anteriores reflexões teóricas para o campo imediato da constituição de *corpora* algumas afirmações se prefiguram.

Uma análise da retoma enunciativa presume a unicidade do conjunto de discursos a abordar, como tal o acervo escolhido para verificação de tal funcionamento comunicativo é construído. Amiúde há sinais exteriores que reclamam que vários discursos versam, por ex., um mesmo assunto. Há procedimentos mais ou menos protocolizados de tal fenómeno: um exemplo político de funcionamento da Assembleia da República é o pedido de intervenção no debate parlamentar; na imprensa, está legislado o direito de resposta, igualmente previstas as cartas ao director e, de um modo generalizado, os artigos de opinião costumam constituir-se como retomas de anteriores enunciações.

Obtida tal unicidade, torna-se interessante constatar o que é *retematizado* fundamentalmente porque as linearizações se refinam para além da *macro-estrutura* (van Dijk, 1980) e que, no caso vertente, se poderia esquematizar em: *x disse y sobre z ao que respondo w*.

Tal *determinação de tópico* pode acontecer, designadamente em textos expositivos/argumentativos, havendo que ter em conta a explicitude relativa a tal especificação para a análise linguística².

De momento, afigura-se-nos interessante particularizar na *escolha temática* e na *retematização* o reenvio que os textos/discursos fazem entre si. Esta análise linguística detém-se em como um dado conteúdo é retomado.

1. Caracterização pragmática do discurso

A primeira caracterização da unidade de análise mencionada é de índole pragmática. Um discurso é a produção:

- i. de um sujeito,
- ii. numa situação concreta de comunicação,
- iii. relativamente à qual é pertinente o espaço e tempo,
- iv. dirigida a sujeito(s) igualmente determinado(s).

² Pode ser, contudo, muito pertinente que seja o analista a estabelecer de que falam os textos. Referencio designadamente o trabalho de Cristina Ponte, no âmbito académico da comunicação social (in Martins: 2001), no levantamento da linha editorial de dois jornais de diferentes nações relativos a um mesmo acontecimento internacional.

2. Caracterizações enunciativas e sociais do discurso e escolas de análise

Esta dimensão pragmática pode ser refinada por contributos centrados no indivíduo e por contributos sociológicos. Pelos primeiros, se aceita que o nosso interlocutor condiciona a nossa produção discursiva, vindo a integrá-la. Este um princípio enunciativo de circunstanciação da análise que interessa rastrear em formas linguísticas precisas, designadamente de inscrição do dialogismo (considerar Bakhtine, Brès, v. neste mesmo volume Pereira, 2002). Pelos últimos, se evidenciam as condicionantes sociais da prática discursiva.

Assim, por um lado, *quem eu me julgo e te/vos suponho* bem assim como *presumo que me creditem* influencia o que digo, por outro, *como me julgam* largamente determina o que posso/arrisco dizer. Pela ordem respectiva: o trabalho de figuração³ acima detalhado concretiza primeiro as condicionantes enunciativas e, por fim, as sociológicas.

Dentre as diferentes escolas de Análise do Discurso é actualmente a Análise Crítica do Discurso que mais se reclama desta última caracterização, vendo questões de *hegemonia*⁴, *dominância*, *poder e ideologia*⁵ – em discursos de circulação social regrada, i.e., socialmente determinados. Os percursos teóricos são Gramsci, Pêcheux, Foucault, Bourdieu e tais estudos revertem em detida análise linguística maioritariamente em Inglês (Fowler, Kress, Hodge, Fairclough, van Dijk,...), havendo igualmente larga produção hispânica (ex. Luísa Martín Rojo). Em Portugal, os estudos são implementados por Emília Ribeiro Pedro.

A dimensão enunciativa da interlocução a que anteriormente aludimos foi particularmente apurada pela Escola Francesa de Análise do Discurso. Esta tornou-se objecto de inúmeros estudos que descreveram usos discursivos de complexidade das instâncias de enunciação e receptiva. Nomes representativos são, antes de outros o de Émile Benveniste, posteriormente Catherine Kerbrat-Orecchioni e O. Ducrot, nomeadamente.

A ressalva importante a fazer é a de que os contributos previamente enunciados em teoria⁶ revertem, ambos, a favor de descrições linguísticas. Tal é particularmente evidente quando se vê a recusa do imanentismo descritivo como génese e ulterior pedra-de-toque desta linguística: se a língua em discurso, objecto a descrever na única dimensão que percebemos, tem condicionantes individuais e sociais, estas não-de determinar a própria forma linguística actualizada.

O objecto de estudo é assim um acto discursivo enunciativamente complexo e socialmente relevante. Exemplo são alocações políticas em resposta a determinado

³ Refundição que tem por base Catherine Kerbrat-Orecchioni (1988:20) .

⁴ Noção teórica de Gramsci.

⁵ As três últimas noções elencadas estão presentes em obras de linguistas e analistas críticos coevos: Fairclough e van Dijk. Designadamente *Ideology* de T. A. Van Dijk, expurga o termo de conotações anteriores, equacionando-o ao nível das representações cognitivas comuns a determinado grupo.

⁶ Frequentemente, de resto, oriundos da reflexão filosófica.

assunto e artigos de opinião que contraditam os que lhe são anteriores, coevos ou que se prefigurem. Queríamos apenas observar pontualmente que a constituição de *corpora* em Análise do Discurso é em si mesma indicativa da pesquisa a realizar: é a consciencialização dos dois parâmetros referidos que encaminha o elaborar de um corpo textual de análise. A razão pela qual a imprensa e a actividade política são recursivamente estudadas é porque o que dizem *deve ser-lhes permitido* – sem determinismos, enunciando o duplo sentido de *há-de ser-lhes permitido* e *tem de ser-lhes permitido* – ficando visível na superfície textual *o que é próprio e alheio*, i.e., o que tomam de outros e o que fazem questão de afirmar como seu na *co-enunciação*⁷ assim formada.

3. A dimensão cognitiva do discurso

Assim perspectivado um tal acto discursivo, torna-se um desafio apreender o *assunto* de que se fala, i.e., capturar a *dimensão cognitiva* presente nos discursos, com incidência particular naqueles que *retomam* outros.

4. Tematização e determinação de tópico

Seguidamente recenseamos, com o devido distanciamento, as noções de *tópico frásico* e *discursivo*. Declinamo-las em favor da *tematização* como perspectiva de análise de discursos, na linha de Brown/Yule (1983) e em trabalhos que nos precedem nesta disciplina como seja Morais (1997).

A noção de *tópico* tem aplicação quando assumida ao nível sintáctico. Em Português, como noutras línguas europeias, é tipicamente preenchido por um SN. Não é um tal critério formal o que nos interessa mas sim o critério informacional ou semântico. É o par *tema/rema* que permite apreender a estrutura informacional na estrutura frásica. Halliday, designadamente, aplica esta terminologia oriunda da escola de Praga vendo no Inglês a frequente relação entre posição sintáctica inicial e ponto de partida informacional da mensagem no limite oracional, o que é também válido para o Português. No capítulo *Clause as message* assim define as duas etiquetas operatórias:

⁷ Brès assim recupera de Bakhtine (1934/1978) a noção de co-enunciação: « Bakhtine (1934/1978) pose que la réalité langagière de la langue en discours, c'est le dialogue sous sa double forme de : - dialogue externe, marqué par l'alternance des tours de parole référés à des énonciateurs différents : il s'agit de la dimension dialogale, que réalisent les genres dialogaux (p. ex. la conversation) mais pas les genres monologaux (p. ex. l'article de presse ou le roman). L'analyse conversationnelle a décrit dans leur complexité les marqueurs dialogaux – gestion des places transitionnelles, phatiques, régulateurs... – qui font apparaître l'activité de parole comme co-énonciation. L'autre n'est pas le simple récepteur de ma parole : il en est le médiateur ; et, plus fondamentalement encore, dans la perspective praxématique, la condition : je ne parle que pour (tenter de) répondre à l'appel toujours-déjà lancé par l'autre. », J. Brès, *Analyse du discours et dialogisme*, Diacrítica, no prelo (sublinados nossos).

«The Theme is the element which serves as the point of departure of the message; it is that with which the clause is concerned. The remainder of the message, the part in which the Theme is developed, is called in Prague School terminology the Rheme. As a message Structure, therefore, a clause consists of a Theme accompanied by a Rheme; and the structure is expressed by the order – whatever is chosen as the Theme is put first.

The Theme is one element, a particular structural configuration which, taken as a whole, organizes the clause as a message; this is the configuration Theme + Rheme. A message consists of a Theme combined with a Rheme.

Within that configuration, the Theme is the starting-point for the message; it is the ground from which the clause is taking off. So part of the meaning of any clause lies in which element is chosen as its Theme. (...) By glossing them (...) as 'I'll tell you about ...', we can feel that they are two different messages.

First position in the clause is not what defines the Theme; it is the means whereby the theme is realized, in the grammar of English.» (HALLIDAY, 1989: 38 e ss.)

Halliday observa que

«Sometimes in English the Theme is announced explicitly, by means of some expression like *as for . . .*, *with regard to . . .*, *about . . .* »

Demais línguas, como o Português, têm tais dispositivos que anunciam *aquilo de que se fala*. É através de um análogo mecanismo metalinguístico que Brown/Yule (1983:94) julgam dever orientar-se a análise do discurso no que à persecução do *assunto* diz respeito. Com efeito, encontrar os *marcadores de limite de tópico* – *topic boundary markers* – é mais profícuo na análise do que determinar o(s) *tópico(s)* de um discurso. Cito os autores no seu manual:

« instead of undertaking the difficult task of attempting to define 'what a topic is', we should concentrate on describing what we recognise as topic-shift. The shift from one topic to the next is marked.»

Tal identificação de *topic boundary markers*, que permitem evidenciar a mudança de *tópico*⁸ no discurso⁹, faz-se através de expressões como as antes enunciadas (*as for...*, *with regard to...*, *about ...*) bem como parágrafos e entoação e permite obviar ao problema de determinação de *assunto* numa dimensão muito particular apontada pelos autores: é que o inventário das sucessivas interpretações formalizadas de um fragmento (como em van Dijk, 1977) permite determinar não o

⁸ Mantemos sempre os termos originais dos linguistas citados ficando claro que julgamos ser *profícuo a análise temática plasmada na sequência oracional e subsidiariamente a tópica, como expressão frásica da macro-estrutura discursiva*.

⁹ «The burden of analysis is consequently transferred to identifying the formal markers of topic-shift in discourse», p. 95.

tópico mas os tópicos possíveis pelo que diferentes sujeitos podem encontrar tópicos relativamente diferentes num dado discurso¹⁰.

Recentemente van Kuppevelt(1998), recenseando e escolhendo os termos *tópico/comentário* caracterizou o primeiro em termos de *defectividade*: o *tópico* é uma entidade discursiva (identificada por teste de questão) relativamente à qual algo vai ser dito: «that which is questioned, i.e., an underdetermined singular or plural discourse entity that needs further specification» (sublinhado meu). Adita a caracterização do *tópico discursivo* «in terms of the entailments of the set of propositions expressed by the discourse (segment)» (1025). Relevando, portanto, que são fundamentais no discurso o encadeamento e hierarquização temáticas. A citação de van Kuppevelt é importante para a discussão em curso porque claramente pretende determinar a entidade disponível, que veicula informação, no acto discursivo (quando menos, no contexto mas passível de conformação linguística).

5. Construção temática e memória discursiva dos interlocutores

Pese embora as dificuldades e hesitações que tais conceitos levantam, a dimensão temática da construção discursiva projecta-se como um dos domínios de particular interesse em diferentes teorias da Análise do Discurso, não enquanto identificação do tema específico, se tal for possível, mas dos dispositivos linguísticos usados e, sobretudo, das funções discursivas que tal mecanismo desempenha, integrado numa análise que tem como princípio teórico a dimensão configuracional do discurso. Tal implica uma análise dos processos de tematização discursiva em articulação com outros eixos semântico-pragmáticos que estruturam o discurso.

A construção temática discursiva funciona como ponto de ancoragem na memória discursiva dos interlocutores, que se desenvolve, nomeadamente, na retoma de outros discursos próprios ou alheios, hierarquicamente organizados, que trazem ao discurso a dimensão dialógica em que a voz do interlocutor assume/pode assumir lugar de privilégio na trama discursiva:

¹⁰ «What must be of concern to linguists interested in notions such as 'discourse topic' is the fact that the formal means of identifying topic for a piece of discourse claimed by van Dijk is, in fact an illusion. Neither the topic representation nor the semantic representation of the whole text derive from anything more formal than the analyst's interpretation of what the text means. To produce the discourse topic, van Dijk does nothing more than (...) produce a single sentence summary for the text under consideration. This exercise is considerably easier with some passages (simple descriptive or narrative) than with others (discursive or explanatory prose) and it inevitably produces a variety of different, though certainly related, interpretations of what must be included in the single 'topic sentence. (...) At the discourse level, van Dijk provides a means of formalising interpretations of both the joint set of meanings of the sentences in a text and the summarising sentence for the same text and suggests that a formal relationship of entailment can be shown to exist between those interpretations. At best, this is a formula for determining, not the topic of a discourse, but the possible topics of a discourse.», p.110.

«Parler d'un thème quelconque revient à construire par le moyen du discours une sorte de micro-univers (...) et qui intègre, de manière essentielle, une dialogique.» (M.-J. Borel, 1953:7, apud, Fillietaz, 1996:41)

A tematização, concebida no seu dinamismo, reivindica, assim, a subjectividade da enunciação, põe em cena um ponto de vista, mas reivindica, também, ou sobretudo, a intersubjectividade de um ponto de vista que é construído com o Outro, real ou virtual, na retoma de outros discursos, em processos fundadores da alteridade enunciativa, de dialogismo, que é constitutivo do discurso. Brès (no prelo), trazendo ao seu discurso a voz autoral de Bakhtine, lembra – mostrando – que

«Le concept de dialogisme insécurise fortement la clôture du discours sur lui-même: par toutes les voix – autres que celles de l'énonciateur principale E1 – dont il est peuplé, le discours tient aux autres paroles, à l'autre – l'interlocuteur – en tant que parole sur laquelle il ne cesse d'anticiper.»

A retoma do discurso alheio, gerando eixos de polifonia¹¹ e diafonia¹², em vertentes conjuntas de colaboração e/ou competição, ocorre, assim, como uma estratégia importante na construção discursiva, decorrente das funções comunicativas de que está investida, e que se tornam fundamentais para a determinação da orientação argumentativa do discurso.

Com efeito, retomando os outros, como argumento de autoridade ou como objecto de refutação /contestação, o locutor faz mais do que reproduzir um discurso, produz um discurso sobre um discurso.

Nessa filtragem que opera, o locutor ganha margem para «manipular» (e tome-se o vocábulo sem conotações pejorativas) os novos objectos/temas de discurso que escolhe para integrar e fazer progredir o seu próprio discurso. Ora, se, como repetidamente se afirma, comunicar é essencialmente argumentar, toda a dimensão polifónica da estruturação discursiva assume papel de relevo, em particular a diafonia, como dispositivo linguístico fundamental na construção da tematização:

«Dans une structure diaphonique, l'énonciateur ne se contente pas de réagir, sans la toucher, à une parole présente ou de se référer à des paroles absentes, il commence par reprendre et réinterpréter dans son propre discours la parole du destinataire, pour mieux enchaîner sur celle-ci. La structure diaphonique est ainsi une des traces privilégiées de la négociation des points de vue qui caractérise toute interaction.» (Roulet, 1985 :70).

¹¹ Em *Les Mots du Discours* (p.44), Ducrot apresenta o conceito de polifonia, como permitindo «...lorsqu'on interprète un énoncé, d'y entendre une pluralité de voix, différentes de celle du locuteur (...) une polyphonie».

¹² O termo é de Roulet (1985:70), que segue as diferentes acepções do termo polifonia em Bakhtine, e permite, como o autor afirma, distinguir conceitos que têm a ver com diferentes funções discursivas: «...la reprise et l'intégration du discours de l'interlocuteur dans le discours du locuteur...»

Bibliografia

- BAKHTINE, Mikhail
1977. *Le Marxisme et la Philosophie du Langage*. Paris : Les Éditions de Minuit.
- BRÈS, Jacques
2002. «Analyse du discours et dialogisme», in *Diacrítica*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.
- BROWN, J. e YULE, G.
1983. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge U. P.
- DUCROT, Oswald et al.
1980. *Les Mots du Discours*. Paris : Colin.
1984. «Enunciação», in *Linguagem/Enunciação*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: INCM.
- FILLIETAZ, L.
1996. «Vers une approche interactionniste de la dimension référentielle du discours ». *Cahiers de Linguistique Française* 18. Faculté des Lettres – Université de Genève, pp. 33-67.
- FONSECA, Joaquim
1992. *Linguística e Texto/Discorso. Teoria, Descrição, Explicação*. Lisboa: ICALP/Ministério da Educação.
- GARRIDO MEDINA, J.
2001. «Oración, discurso y texto», in TOVAR, J., CHARADEAU, P., et al.. *Lengua. Discurso, Texto*. (I Simpósio Internacional de Análisis del Discurso). Madrid: Visor Libros.
- HALLIDAY, M.A.K.
1994. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold. (2ªed.).
- HALLIDAY, M. A.K. e HASAN, Ruqaya
1987. *Cohesion in English*. Londres: Longman. (8ª ed.).
- KERBRAT-ORECCHONI, Catherine
1988. *L'Énonciation. De la Subjectivité dans le Langage*. Paris : Armand Colin.
- KUPPEVELT, J. Van
1998. «Topic and Comment». *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. J. Mey (ed.). Oxford: Elsevier.
- MARTINS, Moisés (ed.)
2001. *Actas do III Lusocom*, Braga: Centro de Ciências Históricas e Sociais.
- MORAIS, M. Felicidade
1997. Análise temática. Contribuições para o estudo das diferenças textuais tipológicas. Coimbra. (Tese de Mestrado).
- ROULET, Eddy
1985. *L'Articulation du Discours en Français Contemporain*. Berne: Peter Lang